

ALÍVIO NO FINAL DA TARDE

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

Por três dias o governo recorreu ao Congresso para tentar reverter o clima de fim de mundo criado a partir da queda do presidente do Banco Central, Gustavo Franco. Desta vez, o socorro veio dos desenvolvimentistas — aqueles que dentro do governo ou fora pregavam a flutuação cambial como antídoto à instabilidade e desconfiança.

Como o remédio deu certo logo no primeiro momento, a tendência do governo é mantê-lo. Aos tucanos, o próprio presidente informava ontem que não haveria mais bandas. Na Esplanada e no meio político, a apreensão da manhã foi substituída por um alívio no final da tarde, quando as bolsas fecharam em alta e a moeda sobreviveu.

O grupo dos desenvolvimentistas, que tem como expoente mais emblemático o ministro da Saúde, José Serra, economista e defensor do câmbio livre desde o início do primeiro governo Fernando Henrique, respirava feliz e aplaudia a atitude de seu mais novo integrante: o atual presidente do Banco Central, Francisco Lopes.

Foi de Chico Lopes a orientação do câmbio flutuante, remédio aprovado e sugerido também pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Na noite de quinta-feira, por exemplo, o segundo nome forte do

Zuleika de Souza 23.5.95



Arida: ex-presidente do BC acompanhou o mercado para o governo

FMI, Stanley Fisher, conversou com Fernando Henrique por telefone e defendeu a liberação.

O remédio era visto por parte da equipe econômica como um tiro no escuro, uma pressão do mercado financeiro, que reagiu mal ao alargamento da banda cambial na quarta-feira. O próprio Fernando Henrique, segundo seus amigos mais fiéis, não sabia se o resultado seria positivo. Por isso, voltou correndo de Buritis (GO) para o Palácio da Alvorada, de onde acompan-

hou atentamente toda a movimentação das bolsas.

Fora do governo, mas ligado em Brasília, o ex-presidente do Banco Central, Péricio Arida, antigo integrante do grupo dos desenvolvimentistas, hoje do banco Opportunity, passou a tarde informando os tucanos e até ministros sobre os movimentos do mercado e bolsas de valores.

“Chegamos à porta do inferno, tomamos um atalho e saímos dela”, comemoravam integrantes

desse grupo, que preferem ainda não cantar vitória. As apreensões dos desenvolvimentistas estão concentradas agora na continuidade do ajuste fiscal e redução lenta e gradual dos juros — medida considerada crucial para evitar quebra-deira de empresas. Tudo isso ligado à tendência de aposentadoria das bandas cambiais.

Se as apreensões ainda existem, ao menos o governo começou a encontrar um caminho que pode levar a algum lugar. Antes da liberação do câmbio, explicam os desenvolvimentistas, a ordem era economizar para tentar pagar juros. Agora, com o dólar flutuando, a armadilha dos juros altos para segurar reservas pode ser desativada.

O suspiro dos desenvolvimentistas e o seu sabor de vitória é tanto que eles dispensam qualquer reforma ministerial imediata. Eles, no fundo, aplaudiram as frases de Fernando Henrique em defesa do ministro da Fazenda, Pedro Malan, a quem, acreditam, o governo dará os louros da vitória, caso ela ocorra. E não reclamam. Afinal, é preciso prestígio para quem negociará em Washington, e Malan é considerado um bom nome no bate-bola internacional econômico. “Se isso tudo der certo, podemos colocar o presidente Fernando Henrique Cardoso como um dos homens mais sortudos do mundo”, completavam seus aliados.